

**A JORNADA EM BUSCA DE SI MESMO: O DIALOGISMO ENTRE HERMANN  
HESSE E BTS<sup>1</sup>**

**THE JOURNEY IN THE SEARCH OF SELF: THE DIALOGISM BETWEEN  
HERMANN HESSE AND BTS.**

Ritchely Ávila da Rosa<sup>2</sup>

**RESUMO**

Com base nas proposições teóricas de Bakhtin (2003) sobre as relações dialógicas entre enunciados e considerando o sistema literário como um objeto muito além de apenas o cânone elitizado, o presente artigo intenciona explicitar o dialogismo entre faixas do álbum Wings (2016) do grupo sul-coreano BTS apresentadas em *short films* e o romance de formação Demian (1919) de Hermann Hesse. Ambos os produtores literários construíram seus discursos em épocas muito distintas, mas, quando postos como objetos de análise, evidencia-se a presença do discurso de Hesse nas produções do BTS. Essa convergência é extremamente válida, pois contribui para demonstrar o caráter literário das canções propostas no álbum Wings e para que milhares de fãs também se interessem pelas leituras que inspiram o grupo.

**Palavras-chave:** Manifestações literárias; Relações dialógicas. Jornada do indivíduo.

**ABSTRACT**

Based on the theoretical propositions by Bakhtin (2003) on dialogical relations among statements and considering the literary system as an object that goes further than just the elite cannon, this article intends to explain the dialogism between tracks of the album Wings (2016) by the south-Korean group BTS presented in short films and the novel of formation Demian (1919) by Hermann Hesse. Both literary producers have built their discourses separately and in very different times, however, when put together as objects of analysis, it is evident the presence of Hesse's speech in the production of the group. This convergence is extremely valid, as it contributes to demonstrate the literary nature of the songs in the album Wings and so that thousands of fans can also get interested on the readings that inspire the group.

**Keywords:** Literary manifestations. Dialogical relations. The individual's journey.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês, da Universidade de Passo Fundo, sob orientação da Profa. Dra. Luciana Maria Crestani.

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura em Letras- Português e Inglês pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: ritchelyavila@gmail.com

## **1 INTRODUÇÃO DEMIAN (1919), DE HERMANN HESSE, E O ÁLBUM WINGS (2016), DO BTS: OUVIR LITERATURA.**

Considerando os princípios teóricos de Bakhtin (2003) sobre o dialogismo, a presente pesquisa possui como objeto principal as materialidades *Demian* (1919), de Hermann Hesse e o álbum *Wings* (2016), do grupo sul-coreano BTS, que estabelecem um interdiscurso digno de análise. O estudo possui como objetivo central explicitar o diálogo que se estabelece entre obras tão distintas em seus contextos de produção e recepção que, com a convergência de ideias, contribuem para a formação do indivíduo tanto como ser humano quanto como um ser leitor. Através da análise de um *short film* (curta) produzido para uma das faixas do álbum, a pesquisa buscará demonstrar como ocorrem essas relações dialógicas entre Hesse e BTS.

À primeira vista, especialmente para os mais céticos, não haveria possibilidade alguma de ocorrer um diálogo válido entre *Demian e Wings*. Hermann Hesse e o grupo sul-coreano BTS, considerando suas trajetórias distintas, nunca poderiam traçar objetivos semelhantes. Como é possível que um romance de formação alemão, publicado em 1919 no final da primeira guerra mundial, possa estabelecer algum tipo de conexão com um álbum produzido por sete artistas sul-coreanos em 2016? No entanto, essa pesquisa demonstrará que nesse e em muitos outros casos, é possível deixar a incredulidade de lado e conceder a si mesmo a chance de mergulhar em combinações improváveis, pois os resultados prometem e de fato surpreendem, não somente pela origem dos produtores e suas obras, mas também pela forma que atingem um elevado número de pessoas interessadas pelo que eles têm a dizer, tanto separados quanto em conjunto.

A pesquisa define-se como aplicada no que concerne à sua natureza. Possui caráter exploratório, sendo bibliográfica e documental em seus procedimentos técnicos, visto que uma das materialidades já foi publicada e vem circulando nos diversos meios de comunicação desde o seu ano de lançamento, enquanto que a outra - o álbum do grupo BTS - ainda não possui tamanha veiculação que não seja dentro de seu próprio nicho. Com a convergência mencionada entre ambos os objetos, o estudo também acabará por demonstrar a literatura como um sistema dinâmico, heterogêneo e passível de análises preocupadas em determinar, de uma vez por todas, que embora tenham o seu inegável valor, o artístico e o literário canonizado não são os únicos que existem. Há muitomais a ser desfrutado nas outras faces do sistema literário.

Além de imergir na complexidade e profundidade do ser, a presente pesquisa possibilitará, com suas qualificações e também limitações, a reflexão acerca de práticas sobre a formação do leitor, as quais, posteriormente, possam ser melhor desenvolvidas. O estudo poderá demonstrar também, com essa materialidade pioneira e distinta, a potencialidade que existe em entender a importância de partir daquilo que cativa o indivíduo. Afinal, professores

verdadeiramente comprometidos com o papel de mediadores de leitura, devem desenvolver práticas leitoras que, com o enfoque necessário, façam o aluno apreciar cada vez mais tudo aquilo que as diversas literaturas têm a lhe oferecer.

Com as reflexões voltadas para a afirmação bakhtiniana de que toda palavra estabelece um diálogo com outras palavras, faz-se possível determinar esse instigante e potencial interdiscurso entre Hesse e BTS, que possuem a jornada do indivíduo em busca de si mesmo como principal inquietude e, em suas obras, tentam responder aos questionamentos e conflitos que os seres passam ao longo de suas vidas. De forma brilhante, o romance de formação e o álbum conversam de forma intensa, convergindo em direção a um terreno fértil, e a maneira como isso ocorre pode ser explicada com base no fato de que “[...] o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa” Bakhtin (1988:88). Embora iniciado antes do lançamento do álbum em 2016, o diálogo estabelecido entre Hesse e BTS foi tão pertinente e válido que continua a repercutir até hoje, tendo em vista que mais e mais pessoas vão conhecendo pelo menos um dos dois lados e acabam por estender seu conhecimento ao outro.

O artigo vem organizado em quatro seções. Primeiramente, discorre sobre o princípio unificador da obra de Bakhtin; o dialogismo. Com as proposições do filósofo russo, compreendemos a ideia de que todo enunciado é tecido por meio de outros e que possui natureza responsiva. Após, apesar da breve menção ao explicitar que as relações dialógicas analisadas iniciam, de certa forma, antes de Hesse, a segunda seção enfoca no romance de formação “*Demian*”, com um relato sobre os pontos principais da obra, que serão aspectos de extrema importância posteriormente. Em sua terceira parte, o artigo deixa a Alemanha de 1919 para trás e foca na Coreia do Sul de 2013 até o momento atual, dissertando sobre a origem e a trajetória do grupo sul-coreano BTS e o impacto causado pelo grupo nas esferas artística e literária. Por fim, *Demian* e BTS são postos lado a lado para satisfazer o objetivo principal do artigo. Nessa seção, com embasamento teórico nas relações dialógicas propostas por Bakhtin, os universos se misturam e a convergência dialógica entre Hermann Hesse e BTS assume o centro. Através de um dos *short films* (curtas) referentes ao álbum *Wings*, a análise buscará mostrar os pontos nos quais BTS conversa com a simbologia presente em *Demian*.

## 2 TUDO O QUE É DITO, JÁ FOI DITO ANTES: A PERSPECTIVA BAKHTINIANA EM AÇÃO

No diálogo ocorrido entre Hesse e BTS, a essência é o ser humano. O autor alemão naturalizado suíço teceu sua obra *Demian* emprestando ao protagonista Sinclair o seu próprio martírio e seus questionamentos em relação ao caminho que deve ser seguido pelo indivíduo em direção a si mesmo, mas essa não foi a primeira vez que alguém se pronunciou acerca disso. Embora Hesse tenha sido exponencial em sua escrita sobre os assombros do indivíduo, ele teve em sua experiência pessoal o incentivo intelectual promovido por nomes renomados no assunto. Logo, “todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam” (Fiorin, 2022, p. 22). Tenha sido consciente ou inconscientemente - afinal, somos definidos por aquilo que consumimos, mesmo sem ter completa noção disso - o autor demonstra claras marcas de ter recebido inspiração da psicologia analítica do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung e conceitos como o *inconsciente coletivo*, na qual a pessoa possuiria arquétipos ou imagens primordiais vindas de seus ancestrais e, mesmo não lembrando desses, haveria uma predisposição a agir de acordo ao mundo da forma feita por aqueles que vieram antes. De acordo ao pai da psicologia analítica, em seu livro “Arquétipos e o inconsciente coletivo”:

Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade (Jung, 1959, p. 47).

No caso do BTS, os artistas buscaram em suas vivências os detalhes que gostariam de relatar ao mundo e utilizaram da voz de Hesse e de outros aspectos literários alinhados à temática para apresentar os seus pontos de vista sobre o indivíduo. Faz-se propício mencionar também que, em produções posteriores, o BTS também viria a fazer uso do pensamento junguiano em seus trabalhos. Quando olhamos para todas essas interligações, é como se existisse uma grande teia, “porque a nossa própria ideia - seja filosófica, científica, artística - nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento” (Bakhtin, 1979, p. 298)

Assim como defendido pelas correntes filosóficas mencionadas, seja através de sua formação, de sua linguagem ou de seus conflitos pessoais, o enfoque é no ser humano. Todos os atos humanos, de um modo ou de outro, são perpassados pelo uso da língua, que sempre será efetuado através de enunciados, sejam eles de natureza oral ou escrita. Uma das principais funções humanas é a comunicação, somos definidos pelas manifestações que expressamos, desde a fala até o pictórico, por exemplo. Esses enunciados produzidos podem pertencer a diversas esferas discursivas, seja no âmbito familiar, religioso, artístico, etc. Como explicitado por Bakhtin (2003, p.262), “[...] cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*”. Esses gêneros demonstram, através dos enunciados, as especificidades do campo discursivo nos quais estão inseridos “não só por seu conteúdo (*temático*) e pelo *estilo de linguagem* [...] mas, acima de tudo, por sua *construção composicional*” (Bakhtin, 2003, p. 261). Então, com base nessas três características, é possível reconhecer um enunciado e definir a qual campo discursivo ele pertence. Os enunciados são, então, tidos como “reais unidades” da comunicação discursiva, afinal, “o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir” (Bakhtin, 2003, p. 274). Logo, o que temos posto como discurso é um conjunto de ideias, pensamentos compatíveis a um determinado campo discursivo, os quais só serão conhecidos quando postos em prática, enunciados. Nesse sentido, um enunciado terá sua origem a partir do momento em que o falante reivindicar o discurso, torná-lo “seu” e então enunciar-lo com base no seu ponto de vista.

Pela ideia de apropriação do discurso por parte do sujeito, para aquele que nada sabe acerca da perspectiva bakhtiniana e está totalmente afastado das noções provenientes do dialogismo, pode ocorrer o pensamento equivocado de que os enunciados são inteiramente particulares, individuais, específicos de cada falante. O ato de enunciar, seja falando ou expressando em escrita ou de outra maneira, esse é individual, mas aquilo que estaremos expressando não o é. Nenhum de nós será o primeiro a produzir um enunciado sobre determinado discurso, porque o discurso é social (Fiorin, 2012). Embora possa ser desconfortável, é factível afirmar que nada do que dizemos é inteiramente nosso, aquela não é a primeira vez que tal aspecto está sendo discutido. Em seu livro “Estética da Criação Verbal”, o pai do dialogismo esclarece essa concepção quando determina que “[...] Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva” (Bakhtin, 2003, p. 297). De acordo com ele, os enunciados

precisam possuir sentido, serem responsivos e ter natureza dialógica, e por essa natureza se entende como estar relacionado àquilo que já foi e ao que ainda será dito sobre o assunto. Todo enunciado é um elo na cadeia discursiva, não há um Adão mítico que tenha proferido pela primeira vez um enunciado e tenha a “licença poética” para nomear todos aqueles objetos virgens ainda não nomeados, eles são sempre respostas uns aos outros. Enunciados distantes no tempo e no espaço – que nem sequer sabem um do outro – dialogam quando abordam um tema em comum. O que, posteriormente, cabe como perfeita explicação para a análise entre os dois objetos em foco.

Desse modo, qualquer objeto, seja ele pertencente ao mundo exterior ou interior, sempre estará tomado por ideias e pontos de vista dos outros. “O objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes” (Bakhtin, 2003, p. 300). Afinal, pela concepção bakhtiniana, todo dizer é parte integrante de uma grande discussão cultural, ele “[...] é uma articulação de múltiplas vozes sociais (no sentido em que hoje dizemos ser todo discurso heterogeneamente constituído), é o ponto de encontro e confronto dessas múltiplas vozes” (Faraco, 2009, p. 60).

Tomando como base o exemplo utilizado por Fiorin (2022), quando alguém diz “É mulher”, não é apenas um fato da realidade que está sendo vocalizado. Dependendo do contexto e até mesmo do tom de voz usado pelo falante, podemos identificar qual é a intenção por trás dessa manifestação verbal. Se o tom escolhido estiver expressando admiração, será evidente uma certa apreciação pela figura da mulher ou até mesmo por sua postura como tal, e esse enunciado estará prontamente estabelecendo um contraponto a outros enunciados que conferiram o ato de ser mulher para algo negativo, insistindo na absurda convenção sobre a inferioridade feminina. Não é atingível escapar da imediata responsividade de um enunciado: “Um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói” (Fiorin, 2022, p.27). Um exemplo prático disso é quando, no trânsito, um motorista faz alguma manobra inábil; sempre haverá falantes prontos para afirmar com extrema segurança de que quem está dirigindo é do sexo feminino.

Entende-se que nossas palavras estarão sempre rodeadas por outras palavras, o que é de maior importância não é o sujeito e sim o que ele está dizendo e todos os outros enunciados que estão incluídos no enunciado que produziu. Entretanto, os enunciados somente são tidos como tais quando permitem alguma atitude responsiva a partir deles. Eles carecem de respostas, são propriamente dialógicos. Assim, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é aquilo que constitui o enunciado. Porém, dentro desse modo de procedimento da linguagem,

pegamos a ideia de “diálogo”, e prontamente a entendemos como a manifestação da linguagem de uma maneira positiva, a qual verdadeiramente funcionaria sem nenhum empecilho em nenhum momento. Nessa perspectiva, o diálogo sempre ocorre como o esperado, os falantes participantes dele nunca expressam ideias divergentes e a harmonia é uma das principais características. Muito pelo contrário, Bakhtin está longe de ser o filósofo conhecido por promover “solução de conflitos” e “entendimento” com os conceitos de sua *prima philosophia*. Assim como a dualidade estará muito bem marcada nas materialidades analisadas à posteriori, as relações dialógicas propostas pelo filósofo:

tanto podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo, de entendimento ou de desinteligência, de avença ou de desavença, de conciliação ou de luta, de concerto ou de desconcerto. (Fiorin, 2022, p. 28)

Dessa maneira, é possível destacar que há manifestações nas quais existe um lugar de encontro de pontos de vistas dos sujeitos que produzem seus enunciados e se inserem no discurso. Para uma efetiva compreensão acerca da proposta teórica aqui desenvolvida, faz-se essencial determinar o enfoque específico no qual o presente artigo se detém. Antes de a análise ser devidamente desenvolvida, é necessário, primeiro, distinguirmos interdiscursividade de intertextualidade. Nessa, há a presença de um ou mais textos em outros textos, evidenciando-se, de forma explícita, a relação entre as materialidades por meio da retomada de elementos de um em outro. Assim, como explica Fiorin (2022), quando dois textos falam sobre um mesmo tema, há interdiscursividade. Quando eles retomam elementos da materialidade de um em outro, explicitando a relação estabelecida entre eles, há intertextualidade. De acordo a Bakhtin, o texto é tido como uma unidade de manifestação na qual é possível expressarmos pensamentos, emoções, sentidos, significados. O texto “representa uma realidade imediata (do pensamento e da emoção)” (Bakhtin, 1992, p. 329). Sendo ele um conjunto coerente de signos, o texto não é exclusivamente verbal. Está presente em todas as linguagens.

Além de ser unidade de manifestação, o texto possui atrás de si um sistema compreensível para todos - uma língua. O texto também possui como característica a singularidade, “tudo o que no texto é repetitivo e reproduzível é da ordem da língua, pois o texto é único, individual e irreproduzível” (Bakhtin, 1992, p. 329). Mesmo que um sujeito venha a reproduzir o texto, com a reimpressão, por exemplo, ele não será o mesmo, “é um acontecimento novo, irreproduzível na vida do texto, é um novo elo na cadeia histórica da reprodução verbal” (Bakhtin, 1992, p. 329). Outro aspecto importante referente ao texto é que todo texto possui um autor, e “não se vincula aos elementos reproduzíveis de um sistema de

língua (dos signos) e sim aos outros textos (irreproduzíveis) numa relação específica, dialógica” (Bakhtin, 1992, p. 333).

As obras utilizadas para essa pesquisa estabelecem relações dialógicas tanto interdiscursivas quanto intertextuais, a depender do objeto de análise: se o foco forem as letras das músicas do grupo sul-coreano, podemos verificar que Hermann Hesse e BTS falam sobre os mesmos assuntos, travando relações interdiscursivas, mas não há nas letras das músicas referência explícita ao romance de Hesse; em contrapartida, nos videoclipes feitos para essas músicas há muitos símbolos que retomam explicitamente a obra de Hesse, estabelecendo com ela uma relação interdiscursiva e intertextual. Nos termos de Fiorin (2022, p. 58), toda intertextualidade implica a existência de interdiscursividade, “mas nem toda interdiscursividade implica uma intertextualidade. Por exemplo, quando um texto não mostra, no seu fio, o discurso do outro, não há intertextualidade, mas há interdiscursividade”.

Na literatura, por exemplo, é impossível tecer alguma obra com ideias totalmente novas, sempre haverá um outro livro, pintura, escultura etc. que já conteve aqueles mesmos aspectos. E, em vez de aceitar esse fato com certa desmotivação, é mais válido aproveitar as vozes já ali presentes para fomentar a produção que irá nascer do indivíduo, criar uma conversa com o outro, formar uma teia de discursos. As materialidades objetos deste estudo, como a análise evidenciará, demonstram uma relação dialógica contratual e de aceitação. Antes de os aspectos convergentes serem explanados, os enunciados individuais terão suas particularidades apontadas para, depois, serem unidos na intenção de explicitar o interdiscurso que desempenham em conjunto.

### **3 DEMIAN, O BILDUNGSROMAN<sup>3</sup> GUIA PARA UMA GERAÇÃO EM CONFLITO**

Prêmio Nobel de Literatura em 1946, "por seus escritos inspirados que, enquanto crescem em audácia e penetração, exemplificam os ideais humanitários clássicos e as altas qualidades de estilo" (Nobel Prize, 1946). Hermann Karl Hesse contém em sua biografia certos detalhes que são explicados posteriormente em suas obras, são fatores que auxiliam na compreensão de determinados elementos de sua literatura por dialogarem diretamente com a

---

<sup>3</sup> Gênero literário que surgiu na Alemanha, usado para definir um romance no qual é demonstrado o desenvolvimento psicológico, físico, social, moral e político de um personagem desde sua infância até a maturidade.



vivência de seu criador. Divergindo da visão de futuro que seus pais possuíam para si, de um filho que seguiria sem hesitação os passos tradicionais da família em direção à religião, Hesse deixou esclarecido que caso não se tornasse escritor, não seria mais nada, muito menos pastor. O autor alemão - posteriormente naturalizado suíço- começou seus estudos em Teologia no Mosteiro de Maulbronn, mas abandonou poucos meses depois por não encontrar fundamento no que vinha sendo obrigado a fazer.

A profissão de livreiro foi o de mais próximo que conseguiu para tornar-se o que desejava; sua carreira literária iniciou-se aos 21 anos de idade, quando publicou suas primeiras poesias. Esses pontos em sua história estão marcados com a busca pelo verdadeiro “eu”, por um processo árduo de realização pessoal, características que se mostram fortemente na trajetória de Sinclair, protagonista de seu romance “*Demian*”, afinal, “A vida de todo ser humano é um caminho em direção a si mesmo, a tentativa de um caminho, o seguir de um simples rastro.” (Hesse, 2019, p.10). Hermann escrevia seus textos com base na ideia de romper com os padrões estabelecidos e buscar, acima de tudo, a independência pessoal, o encontro do verdadeiro “eu”. Além desse tema fundamental, Hesse também discorreu sobre o misticismo oriental, o sistema educacional de sua época e até mesmo teceu uma obra utópica datada no ano de 2200. No Brasil, além de *Demian*, o autor teve outras obras publicadas como “*Sidarta*”, “*O lobo da estepe*”, “*Knulp*”, “*O jogo das contas*”, entre outras. No ano de sua morte, em 1962, as produções de Hesse experimentaram uma desvalorização por parte do público e, em especial, dos críticos, que afirmavam que sua literatura havia perdido o valor; não passava de uma colagem brega de baixo nível. O jornal semanal da época, *Die Zeit* até mesmo declarou que sua obra não servia nem para ganhar um vaso de flores, expressão essa que referenciava o dito alemão de que quando algo perde seu valor, é comparado a um recipiente para flores. No entanto, de acordo à revista Bula (2021) e outros textos biográficos de Hesse, o tempo inocentou o criador e sua criação; com o surgimento e ascensão do movimento hippie nos Estados Unidos, sua popularidade retornou com veemência.

Essa manifestação dos anos 60, em contexto pós-Segunda Guerra Mundial, ocorreu como resposta ao envolvimento dos EUA na Guerra do Vietnã e também a alguns dos principais acontecimentos da época como o autoritarismo, o conservadorismo e ao capitalismo, dentre outras expressões políticas desse período conturbado. Os princípios defendidos pela comunidade hippie eram de essência pacífica e suas principais motivações eram questionar os padrões culturais e sociais, influenciar práticas libertadoras e expressar um indivíduo livre das amarras tanto impostas por si próprio quanto pela sociedade que o rodeavam. Eles buscavam se manifestar com base na paz e no amor, através da música, da literatura e da moda, contando

com diversos exemplos nessas categorias. Logo, por lutarem por propostas nas quais o indivíduo percebe o seu entorno como algo que não condiz com sua ideologia e toma iniciativas que o fazem traçar um caminho a si próprio, o movimento hippie está inteiramente ligado a Hermann Hesse e ainda mais com *Demian*. Se “[...] quem quiser nascer tem de destruir um mundo” (Hesse, 2019, p 106), a juventude dessa época acaba por ser uma das diversas representações do próprio Emil Sinclair. O mundo que se mostrava nesse período era hostil e, para tornar-se uma sociedade melhor, fora necessário romper com as crenças e atos promovidos até então. Não somente os hippies na década de 60, mas também todos os leitores posteriores de Hesse comprovam que é a mente da época que pode validar ou não algo, no caso, uma obra. Mesmo com tantos anos depois, o autor continua presente nas livrarias do mundo todo.

Além de ser apresentado como o divisor de águas na vida de seu criador, o romance de formação “*Demian*” é definido como uma obra que obteve visível êxito ao representar o contexto histórico de sua época de publicação. Hermann Hesse lançou da figura de seu protagonista para desenredar a conflituosa juventude alemã da primeira metade do século XX. E não somente naquele período, mesmo depois do centenário da obra, a sociedade do século atual também não encontrará dificuldades em localizar elementos com os quais se identificar na obra alemã. Desde a insegurança em relação a sua própria identidade até a incerteza em seguir ou não todo um sistema de crenças sem contestar, é possível nos vermos em pelo menos algum aspecto dos personagens apresentados por Hesse. Dentro do âmbito da crítica literária, o conceito de romance de formação (*bildungsroman*), tendo como seu local de origem a Alemanha, versa sobre o desenvolvimento psicológico, social, físico e moral de uma personagem desde a sua infância ou adolescência até o período da vida adulta. Publicado sob o heterônimo de Emil Sinclair e somente atribuído ao nome de seu autor anos depois, o romance mescla presente, passado e futuro ao longo de sua construção, tendo como principal característica o narrador autodiegético, ou seja, um Sinclair adulto transpõe nas páginas suas reflexões e tormentos em relação àqueles momentos marcantes de sua jornada.

Desde tenra juventude, Emil Sinclair esteve consciente sobre a existência de dois mundos distintos: o de luz e o de trevas. De acordo com o protagonista, esses dois universos possuem suas atribuições específicas, seus aspectos característicos, mas acabavam por se confinar. O mundo luminoso é tido como aquele o qual melhor conhece, no qual sempre esteve inserido e deveria ali continuar caso quisesse que a vida permanecesse como clara, limpa e ordenada. Nesse mundo, a família, a religiosidade, a boa educação e a ordem eram intrínsecas; luz, claridade, bons costumes e limpeza eram atributos perfeitos a esse universo. No entanto, como a dualidade é expressa desde a primeira página do romance, o outro mundo também

possuía suas especificidades, esse começava em meio à própria residência de Sinclair e oferecia totalmente o oposto daquilo que era aceito e louvável. O outro universo trazia em si coisas intrigantes, selvagens e cruéis; desde homens embriagados e mulheres escandalosas até histórias de roubos, assassinatos e suicídios. Nesse mundo de trevas, estava tudo aquilo que o mundo luminoso condenava, criticava como sendo ultraje aos costumes que tanto se empenhavam em conservar. Esse polo distinto, de uma forma ou de outra, sempre esteve atravessando as frestas encontradas no mundo de claridade, e isso é demonstrado nos empregados que trabalhavam para a família de Sinclair, quando expressavam, sem perceber, o quão pertencentes eram ao outro mundo, fosse contando histórias de fantasmas ou discutindo com vizinhos no açougue. De fato, ambos os mundos sempre estiveram tão próximos que mesmo antes de seu primeiro grande erro e a consequente inserção no mundo perverso, Sinclair já era tomado pelo sentimento constante de que não pertencia única e totalmente ao mundo luminoso, como expresso logo no início de seu relato.

[...] para onde quer que dirigisse a vista e os ouvidos, ia dar sempre com o outro mundo e, portanto, nele também vivia, embora quase sempre me parecesse isso estranho e inquietante e acabasse por infundir-me pânico, turbando-me a consciência. (Hesse, 2019, p. 15).

O encontro de Sinclair com esse outro mundo, para o seu terror, não se finda apenas no contato com as pessoas originárias de outros contextos não semelhantes aos seus. Dentre esses indivíduos pertencentes ao outro mundo, havia também Franz Kromer, cuja família carregava má fama. Com um forçado ar de homem feito, esse garoto mais velho trazia em si algo muito distinto de tudo aquilo que Sinclair conhecia, e para não ser alvo de piadas ou até mesmo violência por parte de Kromer, devido ao intenso medo que sentia, o protagonista busca por salvação em uma história inventada sobre ter roubado maçãs de um pomar. Para não levantar suspeitas, jura em nome de Deus, algo que mais tarde passa a assombrá-lo, justamente pela extrema valorização da religião por parte de sua família. Apesar de que, ao longo das páginas, vamos sendo apresentados a possíveis interpretações que diferem bastante do que está contido na Bíblia, é válido apontar aqui a simbologia presente na mentira de Sinclair. O tormento primordial na vida do menino se inicia devido ao seu ato de mentir que havia roubado maçãs, o que, no livro sagrado, é apresentado como o fruto proibido e a ruína das primeiras criações divinas. A partir desse momento, depois da primeira fissura em sua decência, tendo que roubar pequenas quantidades de dinheiro para impedir que Kromer o denuncie, o protagonista sente que já não está mais incluído na perfeição de seu lar, na claridade do mundo que lhe era tão confortável e familiar. Os pensamentos que tomam conta de Emil depois dessa forçada conexão

com Franz manifestam toda a culpa, medo e angústia sentidos por ele, sentimentos esses tão profundos que os efeitos da mentira passam a ser físicos. Esse acontecimento marca tanto o menino que ele passa a imaginar que uma espécie de demônio o observa na escuridão de seu quarto, como se aquela entidade imaginária soubesse exatamente de seus erros e o cumprimentasse por eles. O garoto teme ter sido manchado para sempre, indigno de todas as promessas que a religiosidade antes lhe tinha garantido, de merecer a luz.

Esse conflito interno sofrido pelo protagonista, que apenas queria que alguém lhe salvasse de toda a dor causada por seus pecados e trouxesse de volta aquele ser inocente que costumava ser. O conflito somente tem um fim quando um garoto misterioso passa a integrar a escola que Sinclair frequentava. Max Demian, o segundo personagem mais importante da história, atrai o interesse do protagonista desde o primeiro momento, com feições que lhe conferiam mais idade do que de fato possuía, com melancolia e orgulho tão perceptíveis que se torna impossível para Sinclair não ficar intrigado pela figura do “garoto”. Com a malícia em seu olhar, firmeza, inteligência e postura de um homem feito, Demian fez com que todos ficassem curiosos e tentassem descobrir detalhes sobre sua vida, mais do que apenas o fato de que era filho de uma viúva de posses recentemente estabelecida na cidade. Segundo Sinclair, o novo integrante “possuía uma marca pessoal, embora fizesse de tudo para que aquela personalidade passasse inadvertida; geralmente comportava-se como um príncipe disfarçado que, se achando entre jovens rústicos, esforçava-se por se assemelhar a eles” (Hesse, 2019, p. 36). A primeira conversa que acontece entre Emil e Max tem como tema principal algo veemente na vida do personagem principal; a sua incerteza com os ensinamentos religiosos. Depois de assistirem a uma aula de teologia que versava sobre A Marca de Caim, Demian apresenta a Sinclair a sua versão, e acaba por espantar o garoto que fora ensinado a nunca sequer pensar em questionar ou contrariar algo relacionado à Bíblia. No entanto, após reler a história, passa a perguntar a si próprio se o mais novo amigo não teria um pouco de fundamento em sua exposição. Essa primeira “semente” que Max planta na mente de Emil é apenas o princípio para a significativa influência que exercerá na vida do garoto.

Para os conhecedores da vida de Hesse, é visível que nada que o autor fez foi por simples acaso. Logo, se analisarmos as descrições de Demian por parte de Sinclair, de que o garoto passava a sensação de carregar em si o equilíbrio e o mistério, a luz e escuridão, o feminino e o masculino, até deixando a entender que poderia não ser humano e sim uma representação humana de uma entidade, recorreremos a Sócrates para tecermos uma breve teoria acerca de Max Demian, figura tão essencial que nomeia o romance. Há um interdiscurso favorável aqui. O filósofo grego explicava que suas manifestações eruditas vinham de uma figura exterior a ele,

uma espécie de guia; um *daemon*. Quase como se possuísse a intenção de provar esse interdiscurso, dito pelo próprio Demian: “Sempre é bom termos consciência de que dentro de nós há alguém que tudo sabe, tudo quer e age melhor do que nós mesmos” (Hesse, 2019, p. 100-101). E se já não bastasse essa possível simbologia intencionada, podemos também refletir sobre o nome conferido ao protagonista. *Sin*, em inglês, é pecado, enquanto que *Clair* remete à claridade, à luz. Logo, nosso conflituoso Emil Sinclair possui em si o epítome da dualidade tão presente ao longo do livro.

#### 4 BTS: A MÚSICA TRANSCENDE BARREIRAS

Para aqueles que observam o grupo sul-coreano BTS atualmente e verificam todo o sucesso e as conquistas que esses sete artistas obtiveram, sem procurar a fundo acerca da história de cada integrante e a do grupo como um todo, pareceria loucura mencionar que o grupo passou por momentos em que precisaram ir às ruas pedir para as pessoas comparecerem ao seu show gratuito. A trajetória traçada pelo grupo ao longo de seus dez anos de carreira teve seus momentos árdios e tristes, mas também os bons e felizes. O BTS é um grupo alinhado diretamente ao gênero *k-pop*, no caso, o pop coreano. Além de promoverem atos que fizeram com que os olhos do mundo todo voltassem ao k-pop e à Coreia do Sul por si própria, o grupo contém em suas músicas os mais variados estilos, como hip-hop<sup>4</sup>, EDM<sup>5</sup>, R&B<sup>6</sup>, entre outros.

Embora muitos possam tentar negar, o reconhecimento da Coreia do Sul e a expansão do gênero k-pop no mundo tem seus principais responsáveis como o BTS, podendo utilizar como exemplo o crescimento no turismo e na economia do país desde a expansão notória do grupo. Formado pelos integrantes RM, Jin, Suga, J-Hope, Jimin, V e Jungkook, o BTS surgiu em 2013 em um contexto de crise enfrentado pela empresa Big Hit, uma pequena empresa na época e hoje subsidiária da HYBE Corporation como uma das mais influentes no ramo. No início, por não pertencerem a nenhuma das empresas pertencentes às “Big Three” (SM, JYP e YG), o grupo parecia estar sendo consolidado em um terreno instável, como se a qualquer momento pudesse ruir e destruir os sonhos de todos aqueles jovens, que ansiavam pelo tão esperado *debut*, no caso, a estreia como artista.

---

<sup>4</sup> É um gênero musical desenvolvido nos Estados Unidos por afro-americanos. Acompanhada pelo rap (rhythm and poetry), uma fala rítmica e rimada que é cantada, esses gêneros versam principalmente sobre assuntos de relevância social.

<sup>5</sup> Electronic Dance Music, para simplificar, música eletrônica para dançar.

<sup>6</sup> Rhythm and Blues, é caracterizado pela fusão de vários ritmos como o Jazz, Soul, Blues, Pop, entre outros. Nele, é utilizado a caixa de ritmos e até a presença ocasional do saxofone para causar uma sensação de jazz, contando também com arranjos vocais suaves.

Muitos podem questionar o nome do grupo e para tais perguntas, existem certas explicações. A sigla “BTS” vem do nome coreano “Bangtan Sonyeondan”, o que é traduzido como “garotos à prova de balas”. Quando questionados em uma entrevista sobre o conceito do nome do grupo, o membro J-Hope explicou que “‘Bangtan’ significa ser resistente a balas, então significa bloquear estereótipos, críticas e expectativas que visam os adolescentes como balas, para preservar os valores e ideais dos adolescentes de hoje.” (Jung, 2013). Ao passo em que o grupo foi ganhando visibilidade fora de seu país de origem, tornou-se necessário expandir o significado, conferindo então o conceito de “Beyond The Scene”, o que em tradução livre seria “além da cena”, conferindo então o significado de uma “juventude que não se contenta com sua realidade atual e, em vez disso, abre a porta e segue em frente para alcançar o crescimento.”. Seja o significado anterior ou o qual passou a definir o BTS nos últimos anos, está claro quais são as mensagens que os sete pretendiam e pretendem continuar a transmitir.

Em um primeiro contato, é normal ocorrer a estranheza, a confusão e a rápida criação de preconceitos baseados em estereótipos. Quando somos apresentados a algo diferente do que já estamos acostumados, são reações normais, é o nosso mecanismo de defesa, de uma forma ou de outra. Como a cultura sul-coreana é bem distinta da nossa, algo um tanto que afastado daquilo que tão bem conhecemos, não é surpreendente quando alguém entra em contato com algum aspecto proveniente da Coreia do Sul e passa a fazer piadas de mal gosto com a língua, cultura ou até mesmo com a aparência dos sul-coreanos. Ao longo de seus diversos trabalhos de 2013 até a atualidade, o BTS pareceu estar sempre consciente desse fato e muitas outras pautas essenciais para discussão. Muito mais do que apenas produzir música visando o sucesso, a fama e o dinheiro, o grupo sempre apresentou conceitos de extrema relevância em suas produções. Logo em suas primeiras músicas, o grupo já criticava os padrões da sociedade sul-coreana, o sistema educacional que visava a perfeição ou o fracasso completo e a descrença dos mais velhos sobre o sucesso da geração mais jovem. Posteriormente, em cada um de seus trabalhos, é possível perceber temas complexos e alguns até polêmicos, o grupo nunca teve medo de abordar assuntos políticos e sociológicos em suas produções. Nas músicas, podemos encontrar temas intrinsecamente ligados ao ser humano como a ansiedade, depressão, fobia social etc. No âmbito político, verificamos a existência de críticas à ideias como a meritocracia, o consumismo exacerbado, a sociedade repressiva, a romantização do sucesso, etc. Um dos principais enfoques utilizados pelo grupo é a jornada até si mesmo, desde o reconhecimento do indivíduo para consigo mesmo até a aceitação e a conquista do amor próprio.

Através do BTS, muitas pessoas mergulharam profundamente na cultura e na história de um povo diferente do seu e, com a inspiração recebida do grupo, essas pessoas, os fãs,

contribuíram para sua própria formação como indivíduo. Indivíduo esse que abre sua mente e expande seus horizontes, incentivando outros para não serem tão presos aos estereótipos e preconceitos. A história do grupo pode e deve ser tomada como exemplo de superação, pois mesmo com as condições desfavoráveis em sua origem, os ataques de cyberbullying, as ameaças de morte e todo o cansaço psicológico e físico que enfrentaram ao longo dos anos, eles nunca deixaram seus sonhos para trás. Para um grupo de uma empresa pequena, nunca pensariam que cresceriam tanto ao ponto de se tornarem referência em outras esferas além da indústria musical. Com sua existência e atos sendo cada vez mais percebidos globalmente, o BTS percebeu que possuíam o poder de utilizar sua música e influência para causar impactos positivos no mundo, na sociedade. Em novembro de 2017, o grupo deu início à campanha “LOVE MYSELF” em parceria com a UNICEF. Esse movimento, ainda ativo, apoia o projeto global #ENDVIOLENCE criado em 2013 pela UNICEF, no qual o objetivo principal é criar um mundo seguro, livre de violência contra crianças e adolescentes. Outra ação predominante no impacto social causado pelo grupo é a qual ocorreu em 2020, quando, dias após demonstrarem apoio ao “Black Lives Matter”, o grupo fez a doação de 1 milhão ao movimento. O que aconteceu no decorrer de 24 horas depois demonstra claramente a força que os princípios dos artistas possuem sobre seus fãs; os Armys - como os fãs são chamados - igualaram a doação feita pelo grupo com a ajuda de pouco mais de 36 mil doações. Relacionado a isso, há outros movimentos iniciados pelos fãs (One in an Army, 2018), inspirados pelas mensagens transmitidas pelo grupo, como a arrecadação de alimentos e produtos para cobrir necessidades básicas, proteção aos animais e patrimônios culturais, entre muitas outras ações.

Considerando todas as conquistas dos artistas, tanto individuais quanto em conjunto, muitos podem pensar que nada mais conseguiria abalar o grupo, eles possuíam tudo o que queriam, já não havia espaço para incerteza e angústia. No entanto, em 2018, com todos os obstáculos encarados e as consequências em detrimento disso, o grupo cogitou *disband*, ou seja, encerrar definitivamente suas atividades como o BTS, mas graças ao sentimento de família que desenvolveram entre si, o apoio dos fãs e o desejo de poder ultrapassar mais e mais barreiras com sua música, eles não desistiram. O que aguardava o grupo nos próximos capítulos de sua história traz uma sensação de alívio, pois voaram ainda mais alto. E não pretendem pousar tão cedo.

## 5 O DIÁLOGO ENTRE BTS E EMIL SINCLAIR

Hermann Hesse nunca poderia de fato conhecer o BTS e vice-versa, o espaço e o tempo impediram que pudessem estar na presença um do outro, mas esses produtores de literatura foram e continuam unidos pelo propósito de promover a arte. Esse encontro é justificado pelo desejo de Kim Namjoon (RM), o líder do BTS, de continuar a trilhar o caminho literário definido pelo grupo desde o seu princípio. Apesar de todos os integrantes possuírem seu histórico de aparições com livros em suas mãos, o líder Namjoon é o mais ávido dos leitores dentre o grupo. Essas ações dos membros em relação à literatura são de extrema importância, pois para compartilhar dos mesmos interesses que seus ídolos, os fãs acabam por procurar saber mais sobre as obras e os autores, assim, expandindo seu conhecimento literário. Seja através do consumo individual de livros de cada integrante ou por meio da exposição de temáticas encontradas nas obras, com elementos marcantes de períodos literários como o Romantismo e o Simbolismo presentes em alguns de seus videoclipes, basta um olhar um pouco mais atento e aguçado às referências literárias presentes em suas músicas para perceber a intencionalidade e as principais motivações do grupo, que sempre estiveram vinculadas a transmitir mensagens importantes sobre o autoconhecimento, os obstáculos enfrentados pela juventude, entre outros temas tratados.

Com diversas referências literárias, na composição de suas músicas ou na semiótica presente em seus videoclipes, esses sete artistas contribuíram - e seguem contribuindo - para que apreciadores do grupo fossem apresentados a essas manifestações e desenvolvessem o encanto e interesse pela literatura. Para a criação de seu segundo álbum de estúdio intitulado “*Wings*”, o grupo sul-coreano buscou na obra de Hesse e na jornada do indivíduo em busca de si mesmo os fatores necessários para fomentar, mais uma vez, a sua própria manifestação literária, visto que outras obras pertencentes à literatura já foram e continuam sendo parte do acervo cultural do BTS. Em 2015, em uma gravação, Namjoon foi visto com “*Demian*” em mãos o que nos faz relacionar à estreia de *Wings*, que aconteceu no ano seguinte. O líder, após ler a obra de Hesse, parece ter mergulhado na jornada do indivíduo em direção a si mesmo com as coordenadas propostas pelo autor alemão para a criação do conceito do álbum. Assim teve início o diálogo entre *Demian* e *Wings*, materialidades que apresentam sua visão sobre a jornada do indivíduo em direção a si próprio e as dificuldades enfrentadas nesse período e atingem os objetivos que se propuseram a alcançar, ou seja, expor-se como uma espécie de guia para aqueles que consomem o seu trabalho.



Neste caso específico, os universos de ambos os produtores literários convergem e dão origem a um novo universo, a uma inovadora e inspiradora forma de produzir e receber literatura. Com seus enunciados distintos, cada qual com a inspiração de enunciados anteriores a si, mas com a mesma perspectiva, há uma interligação nos dizeres. Através das músicas com temas específicos e relacionados a Hesse, o BTS dialoga explicitamente com a obra do autor alemão. Essas manifestações discursivas criaram fortes laços que continuarão a perdurar. Embora estejam bem distantes tanto no tempo quanto no espaço, mesmo que seus contextos de produção nada tenham de conexão um com o outro, podemos afirmar que o BTS assume o papel de Emil Sinclair no universo criado por eles. Com a proposta de expor suas verdadeiras faces como seres humanos e artistas, que possuem seus conflitos e anseios, o grupo vê na obra de Hesse o necessário para embasar o que pretendiam manifestar. Hermann, com seu pensamento à frente do tempo, o qual prezava pelo autoconhecimento acima de tudo e desprezava uma sociedade que apenas aceitava aquilo que lhe era imposto, possuía aspirações semelhantes às do grupo. E quando pensamos em suas obras e a relação dialógica que desempenham, chegamos à conclusão de que nada está totalmente acabado, sempre há potencial para mais alguma criação a partir do que já existe. Pelo viés de Fiorin (2022), se a cada vez que um enunciado é produzido, o sujeito falante está participando de um diálogo com outros discursos, um enunciado só estará finalizado quando permitir a resposta de outro. A atitude responsiva pode partir de qualquer um; Hesse e sua obra inspiraram ao grupo BTS, que por si próprios já vinham inspirando a muitos outros. Segundo Bakhtin (2003, p. 170), “Mesmo os sentidos passados, isto é, aqueles que nasceram do diálogo dos séculos passados, não podem nunca ser estabilizados (finalizados, encerrados de uma vez por todas) - eles sempre se modificarão (serão renovados) no desenrolar subsequente e futuro do diálogo”. Ou seja, o fato de Demian tratar da Alemanha pós-guerra e datar o ano de 1919 como o de sua publicação é irrelevante quando se trata de conferir à obra uma nova visão, uma nova maneira de esmiuçar aquilo que o autor queria dizer ao mundo. Não importa que sejam 94 anos separando as obras e também não é relevante que Coreia do Sul e Alemanha sejam extremamente distintas em vários aspectos, o sentido sempre poderá ser lembrado e receber um novo contexto.

Através do álbum, com citações diretas e referências aos assuntos tratados em Demian, o grupo fez com que seus fãs tivessem a curiosidade e interesse em descobrir de onde vinham aquelas conexões literárias, se havia ou não algum personagem que tivesse de fato passado pelos conflitos expressos nas músicas. De fato, quando buscado mais a fundo no que há por trás do álbum, o indivíduo trilha o seu caminho até *Demian* e o seu autor Hermann Hesse. Com 15 faixas no total, o álbum *Wings* versa principalmente sobre assuntos que trazem em si a essência

da dualidade “bem x mal”, algo bem presente no romance. Para a produção do álbum, cada um dos sete integrantes passou pelo processo de compor e produzir uma faixa solo, com a sua perspectiva sobre determinado assunto. Embora todas sejam extremamente pessoais, onde os membros colocaram suas experiências, trajetórias, medos e sonhos, podemos perceber detalhes referentes a *Demian* em cada uma das músicas, o que faz parecer que todos foram tão inspirados pelo romance que acabaram entrelaçados pelo objetivo de contar uma grande história, criar uma grande teia. Nesse caso, os solos seriam ramificações intimistas, com a visão individual de cada integrante, mas ainda assim, parte de um todo.

Para cada uma das faixas solo, um *short film* (curta) foi produzido, nos quais cada integrante tornou-se o protagonista e obteve o auxílio de diversos símbolos que referenciam tanto a sua experiência de vida, a sua composição, quanto a própria obra de Hesse, para transmitir as mensagens desejadas. Com um olhar mais minucioso acerca da relação dialógica entre o romance e o álbum, o *short film* “*Begin*”, do integrante Jungkook se torna materialidade enfocada na tentativa de comprovar o intertexto entre os objetos de análise.

No início de todos os sete *short films*, podemos ouvir a voz do líder RM (Kim Namjoon), citando trechos da edição em inglês da obra *Demian*, os quais estão inteiramente conectados ao que o curta traz logo em seguida. “*Begin*” começa com uma tela preta enquanto RM recita o trecho, a citação escolhida é “Dois mundos diversos ali se confundiam; o dia e a noite pareciam provir de polos distintos” (Hesse, 2019, p. 13), sendo logo seguido de um assovio misterioso, som o qual podemos relacionar ao assovio de Franz Kromer; o menino que se tornou o tormento de Emil Sinclair após sua mentira sobre o roubo das maçãs. O protagonista sentiu-se tão aterrorizado pelo assovio durante um tempo que às vezes imaginava que o escutava, achando que era o seu “verdugo” o procurando para pedir dinheiro outra vez. Tanto em *Begin* quanto em “*First Love*” - o quarto *short film* de *Wings*- o assovio parece ser causa de desconforto e aflição no personagem que o escuta.

A primeira cena é a qual Jungkook está deitado na cama, dormindo. Esse momento é bruscamente interrompido por uma breve cena de um piano em chamas, objeto esse que estabelece ligação direta com o personagem Pistórius, um organista que desistiu dos estudos de teologia e tornou-se a vergonha da família extremamente religiosa, pois via que aquilo nunca havia lhe cabido como algo satisfatório para si. Pistórius vem a ser mais um guia na vida de Emil Sinclair quando esse já está em uma fase mais madura de sua trajetória, e no universo de *Wings*, o protagonista de *First Love*, Yoongi, por também tocar piano e demonstrar profunda tristeza ao longo do curta, parece ser o correspondente direto de Pistórius. O foco volta para Jungkook, que demonstra estar tendo um pesadelo, o que exerce conexão com o sofrimento de

Sinclair tanto quando criança quanto em seu período de maioridade. Em seu período infantil, Sinclair sonhava com Franz Kromer lhe obrigando a fazer atrocidades - como torturar seu próprio pai - e depois que o menino conheceu Max Demian, esse passou a ser o centro de seus sonhos mais confusos. Quando mais velho, longe de casa e tendo se desconectado para sempre da inocência da infância, Sinclair passa a ser novamente atormentado por sonhos desconexos, com elementos que não consegue compreender. Em seguida, no vídeo, ocorre o barulho de um intenso frear de veículo enquanto a obscura imagem de um pássaro surge na tela, sendo estilhaçada como um vidro, e isso parece ser o motivo do despertar do garoto e o seu ato de refletir tristemente sobre o que estava sonhando. Esses três elementos possuem forte simbologia tanto no universo de *Wings* quanto de *Demian*.

Figura 1 – Piano em chamas



Fonte: HYBE LABELS. BTS (방탄소년단) WINGS Short Film #1 BEGIN. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yR73I0z5ms0>>. Acesso em: 04 nov. 2023.

Figura 2 – Protagonista do curta em meio a pesadelos



Fonte: HYBE LABELS. BTS (방탄소년단) WINGS Short Film #1 BEGIN. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yR73I0z5ms0>>. Acesso em: 04 nov. 2023.

No momento seguinte, Jungkook segura um turvo desenho de um rosto que lhe aparenta estranheza - o qual sabemos ser de Yoongi, integrante protagonista de *First Love*- com a cor vermelha pintando um de seus olhos no desenho. A cama é retirada do cenário e Jungkook logo está em frente a uma pintura de outro rosto manchado por diversas cores de tinta, a qual parece representar um dos outros integrantes. O ato de pintar ocorre com Sinclair a partir de quando

conhece Beatrice, uma garota que viu enquanto estava tendo um de seus passeios pelo parque próximo a sua casa. Apesar de nunca ter ao menos dirigido uma palavra à garota, Sinclair é levado pelo encantamento em relação a ela, desenvolve tamanho interesse e devoção que passa a melhorar. Sem saber, sua paixão por Beatrice o resgata da vida boêmia e depressiva que vinha levando. Sem nunca sequer ter percebido a existência dele, ela serviu como inspiração para tirá-lo das amarras do mundo das trevas e o guiou novamente ao mundo luminoso.

Figura 3 – Desenho de um rosto familiar



Fonte: HYBE LABELS. BTS (방탄소년단) WINGS Short Film #1 BEGIN. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yR73I0z5ms0>>. Acesso em: 04 nov. 2023.

Figura 4 – Protagonista do curta pintando um quadro



Fonte: HYBE LABELS. BTS (방탄소년단) WINGS Short Film #1 BEGIN. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yR73I0z5ms0>>. Acesso em: 04 nov. 2023.

A partir desse “redespertar”, Sinclair descobre na pintura uma nova motivação para viver, e, a princípio, passa a pintar o rosto de Beatrice com o apoio dos detalhes gravados em sua mente, mas à medida em que desenvolve a pintura, percebe que não há nada da garota ali, é um rosto distinto e ao mesmo tempo extremamente familiar. Por despertar algo indistinto nele, o retrato passou a tomar conta de seus pensamentos, de sua vida: “Aquele rosto tinha algo a dizer-me, pertencia-me, indagava algo de mim. E se parecia com alguém, que eu não conseguia saber quem era” (Hesse, 2019, p. 96).

Em relação a Jungkook encarando a pintura do rosto, percebemos momento semelhante a quando Sinclair finalmente percebe que, mesmo na determinada tentativa de representar

Beatrice e sua total devoção a ela, acabou por pintar Demian, provando que mesmo depois de tanto tempo afastados, toda a influência que o amigo exerceu sobre si ainda estava ali, apenas esperando por uma continuidade, uma nova motivação. Em seus sonhos, o rosto da pintura decide não o deixar em paz, dá um fim ao período em que ele já não mais sonhava com a mesma frequência de quando menino: “Agora surgiam de novo, trazendo consigo imagens bem diversas, e o rosto pintado por mim emergia vez por outra entre elas, vivo e falante, benévolo ou hostil, contraído em uma terrível careta ou infinitamente belo, harmonioso e nobre” (Hesse, 2019, p. 96).

Na cena seguinte do *short film*, Jungkook arregala os olhos pela epifania que teve ao reconhecer o rosto, igual a Sinclair e seu espanto ao ver Demian na representação artística. A pintura começa a queimar enquanto Jungkook apenas contempla. Então, começa a chover e Jungkook começa a chorar desesperado enquanto seus lábios se movem sem emitir som na palavra “Hyung” - honorífico usado na Coreia do Sul por homens mais novos quando se referem a um homem mais velho. No universo do BTS, esse aspecto estabelece ligação ao outro integrante no curta *First Love*, que é mais velho que Jungkook e se mostra como uma importante parte de sua vida, e quando pensamos no romance, Jungkook está demonstrado a tristeza de Sinclair quando ressentido a facilidade de Demian em se fazer ausente sem explicações e por tanto tempo, também mais velho e de extrema importância para si.

Figura 5 – Quadro em chamas



Fonte: HYBE LABELS. BTS (방탄소년단) WINGS Short Film #1 BEGIN. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yR73I0z5ms0>>. Acesso em: 04 nov. 2023.

Figura 6 – Protagonista chora em meio à chuva



Fonte: HYBE LABELS. BTS (방탄소년단) WINGS Short Film #1 BEGIN. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yR73I0z5ms0>>. Acesso em: 04 nov. 2023.

Então, considerando o transe causado pela pintura queimando, o garoto é retirado de seus pensamentos pelo barulho das asas e do crocitar dos corvos, e, no momento seguinte, tinta preta escorre de um dos olhos do rosto na pintura. Jungkook pega o desenho que deixou cair anteriormente, coloca em um envelope e assim que direciona o olhar para o teto, o foco que temos é o de sua sombra sendo projetada com grandes asas nascendo em suas costas. Essa última cena representa todo o romance de Hesse. Após terminar a pintura que “representava uma ave de rapina, com cabeça de gavião, aguda e valente; aparecia com metade do corpo dentro de uma sombria esfera terrestre” (Hesse, 2019, p. 103), Sinclair envia o desenho para Max Demian. Em pouco tempo, o jovem recebe um bilhete com a frase que resume Sinclair, Demian, a obra como um todo, Hesse e até mesmo o BTS: “A ave sai do ovo. O ovo é o mundo. Quem quiser nascer tem de destruir um mundo. A ave voa para Deus. E o deus se chama Abraxas”. (Hesse, 2019, p. 106).

Figura 7 – Asas nascem nas costas do protagonista



Fonte: HYBE LABELS. BTS (방탄소년단) WINGS Short Film #1 BEGIN. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yR73I0z5ms0>>. Acesso em: 04 nov. 2023.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto que a literatura por vezes tende a prezar pelo que é canonizado de forma elitista, aceita como valioso e essencial apenas aquilo que é determinado pelos dominantes, podemos verificar a urgência para que o sistema literário passe a ser visto como heterogêneo e multifacetado. Nesse alto e digno patamar chamado literatura, no qual aceitamos e apreciamos *Demian* e todas as análises originadas desse, existe e deve continuar existindo um local para manifestações literárias como *Wings* e outras obras que sigam a mesma linha de raciocínio; o objetivo de produzir e disseminar literatura. Em um pedestal onde temos figuras importantes como Hermann Hesse, observando o visível sucesso do grupo BTS em diversas esferas desde o seu início, também deveríamos pensar e consolidar um espaço o qual ocupariam na literatura valorizada. Afinal, desde aparições com livros até a inclusão de referências literárias em seus trabalhos, o BTS desenvolveu um notório poder de influência em termos de difusão e consumo de literatura. Embora muitos possam considerar um ultraje sugerir algo assim, podemos basear esse argumento com as trajetórias traçadas por autores renomados da literatura, em sua maioria, escritores parte do cânone que hoje conhecemos não obtiveram o reconhecimento merecido em seu tempo, muitos tiveram árduas caminhadas até que alguém lhes compreendessem como representações literárias essenciais, às vezes sendo vistos de verdade apenas quando já não estavam mais presentes para sentir os resultados do impacto causado por eles. Logo, não é ridículo nem absurdo pensar que o grupo sul-coreano possa receber notoriedade em relação à literatura que produzem desde seu início.

O objetivo principal desse artigo se detém na proposta de explicar como se estabelece o dialogismo entre Hermann Hesse e BTS, como a intertextualidade entre suas obras é feita e quais podem ser os resultados obtidos desse pertinente diálogo. Embora os outros *short films* tragam símbolos e referências que também provam o contrato dialógico entre os artistas e o escritor, *Begin* esclarece muito bem quais são as intenções conceituais propostas pelo grupo. O BTS foi genial desde a escolha do título de seu segundo álbum de estúdio, *Wings*, asas em inglês, pois nos remete tanto às asas do pássaro tão presente no romance de Hesse quanto no conceito de liberdade, no desejo da juventude em poder voar livremente e viver de acordo às suas próprias concepções sobre o que é verdadeiramente viver. Junto aos símbolos previamente mencionados, podemos também verificar que as cenas do curta evidenciam a dualidade. O forte contraste entre o branco e o preto deixa claro que a intertextualidade ocorre até no mais mínimo dos detalhes, pois as cenas representam o bem e o mal, a prisão e a liberdade, a dualidade humana por si própria. Mesmo que houvesse detalhes o suficiente para expandir a presente pesquisa, é possível afirmar que o objetivo principal foi atingido, Hermann Hesse e BTS

estiveram em constante e intenso diálogo desde o momento em que o líder do grupo, RM, decidiu ler a obra do autor.

Talvez ele possuísse alguma expectativa, ou talvez nem ao menos imaginava o que estava causando ao simplesmente aparecer em público com um livro em suas mãos. De qualquer forma, esse ato literário e tantos outros acabou por motivar aqueles que os acompanham. Através do BTS, os fãs, consumidores ativos assim como os artistas, sentem-se representados nas temáticas expostas pelo grupo e pelas obras literárias utilizadas como referências e não se contentam com apenas ouvir as músicas e assistir aos videocliques. Para o grupo e seus fãs, sempre deve haver mais. E é nesse aspecto que Hesse e tantos outros autores passaram a ser difundidos em um âmbito que muitos estudiosos achariam uma desonra completa, mas os consumidores tornaram-se também produtores e os elementos presentes nas músicas e videocliques do grupo dão origem a teorias, *edits*, playlists, *fanfictions* etc., tudo relacionado também ao BTS. Pela inspiração causada pelo grupo, é válido ressaltar iniciativas como o “B-Armys Acadêmicas”, que, segundo o perfil no Twitter, tem como definição “a primeira associação brasileira desenvolvida para promover arte, cultura e educação usando o BTS como base”. É como uma grande e admirável teia, está tudo interligado. Essa teia pode ser vista como um grande interdiscurso, cheio de ramificações prontas para serem exploradas e passíveis de dar origem a mais subdivisões.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DÖING, Laura. **Há 50 anos morria Hermann Hesse, o escritor amado e subestimado**. DW, 2012. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-50-anos-morria-hermann-hesse-o-escritor-amado-e-subestimado/a-16152418>>. Acesso em: 20 out. 2023.

FERNANDES, Ana Monteiro. **100 anos depois de “Demian”, de Hermann Hesse, a guerra entre os dois mundos continua**. Comunidade, Cultura e Arte, 2019. Disponível em: <<https://comunidadeculturaearte.com/100-anos-depois-de-demian-de-hermann-hesse-a-guerra-entre-os-dois-mundos-continua>>. Acesso em: 19 out. 2023.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2 ed. 2022. *E-book*. Disponível em: <<://plataforma.bvirtual.com.br>>. Acesso em: 26 out. 2023.

FIORIN, José Luiz. Da necessidade de distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth.; SOUZA-E-SILV, Maria Cecília. **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012. p. 145-165.

HESSE, Hermann. **Demian**. Rio de Janeiro: Record, 51 ed. 2019.

HYBE LABELS. BTS (방탄소년단) **WINGS Short Film #1 BEGIN**. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yR73I0z5ms0>>. Acesso em: 04 nov. 2023.



JUNG, Carl Gustav. **Arquétipos e o inconsciente coletivo**. São Paulo: Vozes, 09/jan. 1. ed. 2014. *E-book*. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br>>. Acesso em: 09 nov. 2023.

MLA style: **The Nobel Prize in Literature 1946**. NobelPrize.org. Nobel Prize Outreach AB2023. Sun. 26 Nov 2023.  
<<https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1946/summary/>>

WELZEL, Edgar. **Hermann Hesse: o guru dos hippies**. Bula revista, 2021. Disponível em: <<https://www.revistabula.com/4688-hermann-hesse-o-guru-dos-hippies/>>. Acesso em: 20 out. 2023.

**WINGS**. Intérprete: BTS. Coréia do Sul: Seul. 2016. Spotify. (53.41).